

ETNIA E EDUCAÇÃO: O CANDOMBLÉ BANTO APLICADO NAS SALAS DE AULAS DA BAIXADA FLUMINENSE COM BASE NA LEI 10.639/2003/PR

Jeusamir Alves da Silva.¹

Faculdade de Educação da Baixada Fluminense-FEBF/UERJ. E-mail: febf.uerj@yao.com.br

RESUMO

Ao pesquisar a Lei. 10.639/2003/PR que obriga o ensino da história do negro, na África e no Brasil no ensino fundamental e médio, encontrou-se nessa frase, no gancho "... na África e no Brasil", a chance de lutar pela inclusão de conteúdos nas grades curriculares, sobre o candomblé banto. Oriundo da África Centro-Occidental, o povo banto foi aqui introduzido, em grande parte, no Rio de Janeiro, com destaque para a Baixada Fluminense, do início ao fim da colonização, (séculos XVI a XIX). Sendo a África um continente e o Brasil de um país, obviamente esse povo cujo *habitat* era a região subsaariana logo abaixo da linha do equador está contemplado pela referida Lei. O objetivo central é munir os professores de informações sobre esse povo, em relação aos valores identitários presentes no cotidiano dessa região demograficamente banta mas, ainda ausentes em sala de aula. O objeto estudado foi o terreiro e a sala de aula. Sabe-se que o Brasil caracteriza-se pelo alto índice de afros descendentes na formação de sua população, em sua maioria banta. Percebe-se, também, que um dos melhores modos de conhecer-se uma sociedade é através de sua religião. Justifica-se então, a necessidade da aplicação do candomblé banto nas grades curriculares, como fio condutor para o conhecimento sobre esse povo. Trata-se da História e Cultura de uma etnia, cujas tradições e referências culturais foram fundamentais na construção da identidade brasileira. Utilizou-se a metodologia de entrevistas com professores, alunos, pais, comunidades, e dirigentes de terreiros bantos, inclusive visitas de participação no dia a dia dos mesmos. Os depoimentos e observações comprovaram a resistência e prática constante dessa cultura na Baixada Fluminense, através do Candomblé Banto. Realizou-se, também, uma revisão literária, bem como pesquisas eletrônicas em sites e redes sociais. Conseguiu-se desta forma, o embasamento necessário para dar credibilidade a este trabalho. O resultado alcançado foi a elaboração de um conteúdo sobre o assunto dividido em aulas práticas e teóricas atrativas e interessantes, aqui apresentadas na discussão. Desta forma, em um futuro próximo, não será surpresa ver este tema discutido, fluentemente, pelos pátios e corredores das escolas, nas igrejas e sinagogas, e demais locais, de forma respeitosa. Além disso, desmistificará a rotulação de seita demoníaca, afastando a discriminação e o preconceito com o uso da informação.

Palavras-chave: Ensino, professor, aluno, candomblé banto, sala de aula.

¹ Mestrando em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – FEBF/UERJ. Especialista pela UCAM em: História e Cultura Afrobrasileira; Ensino de História; Ciências da Religião; Artes e Procedimentos; Ensino da Língua Espanhola, e Gestão Escolar Administração, Supervisão e Orientação. Licenciado em História pela UNOPAR. Licenciado em Artes pelo Instituto Universitário CLARETIANO. Aperfeiçoamento e Extensão em História e Cultura afrobrasileira pela UCAM. Extensão Universitária em: O Povo Banto, Mitos e deuses africanos de Angola. As influências culturais Brasil/Angola pela UERJ.



INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade capacitar e instrumentalizar os professores para a inclusão e divulgação do ensino do candomblé de tradição banta. Com a criação da Lei. 10639/2003/PR, que obriga o ensino da história do negro na África e no Brasil surge, também, à oportunidade de apresentar conteúdos para a formação de professores na temática. Sabe-se dessa necessidade de inclusão, bem como da resistência de alguns docentes quanto à aplicação desses conteúdos. Dentre os argumentos mais comuns destacam-se:

- Como ensinar o que não foi ensinado na faculdade?
- Sou evangélico e não vou ensinar macumba na minha sala!
- Para que incluir mais “isso” na grade curricular?

Só que para a perplexidade da maioria, “isso” ou essa cultura e religião, rotulada por Nina Rodrigues² como paupérrima e sem mitos cosmogônicos, convive conosco, desde a colonização. É a vertente negra responsável, junto com o índio e o português, pela construção da nossa língua e formação do nosso país.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseou-se em visitas, entrevistas e depoimentos de sacerdotes e sacerdotisas bantos, valorizando desta forma a oralidade.

Como nos ensina Vansina.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar de elocuições-chaves, isto é, a tradição oral. (VANSINA, 2011, pp. 139-140).

Também, realizou-se uma intensa revisão literária, com a participação de autores como: Adolfo (2010), Ângelo (2013), Castro (2006), Prandi (1991), Redinha (1958), entre outros.

² Raimundo Nina Rodrigues é considerado o fundador da [antropologia criminal](#) brasileira e pioneiro nos estudos sobre a [cultura negra](#) no país. Foi o primeiro estudioso brasileiro a abordar o problema do negro como [questão social](#) relevante para a compreensão da formação racial da [população brasileira](#), apesar de adotar uma perspectiva [racista](#), [nacionalista](#) e [cientificista](#), em seu livro *Os Africanos no Brasil* (1890-1905).

RESULTADOS

O resultado alcançado foi a elaboração de um conteúdo sobre o assunto dividido em aulas práticas e teóricas atrativas e interessantes, aqui apresentadas na discussão. O intuito é o de prender a atenção do aluno e despertar o seu interesse pela temática. Espera-se, com o auxílio, comprometimento, relativismo e criatividade de cada professor, que estas aulas venham, também, servir como ferramentas no combate ao preconceito e a discriminação não somente na Baixada fluminense, mas, em qualquer região do Brasil.

DISCUSSÃO

O ensino da História do Negro Banto a partir do Fundamental II ao 3º ano Médio ostensivo ao nível Superior é a estratégia adequada para dar visibilidade a primeira vertente negra aqui introduzida e saber qual foi o seu papel na construção do Brasil. Para isso, dividiu-se o tema em seis aulas teóricas e duas aulas práticas para familiarizar e apoiar o professor em suas futuras elaborações de aulas para o aprendizado dos seus alunos. Assim, organizou-se o conteúdo histórico de modo que possa ser dele extraídas formas diversificadas de aplicações aos alunos, de acordo com os níveis do ensino brasileiro:

Aula 1. A Lei 10.639/2003/PR e a Ordem de chegada e, o lapso temporal entre as vertentes negras introduzidas no Brasil - Levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o assunto, para depois introduzir o conteúdo histórico. Leitura do texto pelos alunos voluntários ou escolhidos pelo professor, com as devidas considerações a cada intervenção do mesmo. No final da aula a turma é dividida em quatro grupos, onde cada representante explicará para turma e professor o que o grupo conseguiu entender em relação ao texto apresentado.

Texto para leitura e interpretação;

A Lei 10.639/2003/PR, criada no primeiro mandato do Excelentíssimo Presidente da República, Sr. Luis Inácio da Silva é a que obriga o ensino da História do Negro, na África e no Brasil. As decisões do Conselho Nacional de Educação cumprem a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 (DOU nº 8, 10/1/2002, Seção 1, p. 1), que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996(LDB), para tornar obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica.

Em relação à cronologia destas vertentes tem-se o seguinte: Vinda dos Reinos da Mãe África e introduzida no Brasil pelo processo colonial escravista, a população negra compunha-se de três vertentes: A primeira a ser trazida foi no século XVI, foi a dos bantos, ou *Bantu*. Palavra formada segundo a tradução dos padres jesuítas, por: “*Ba*”, pronome de quantidade que significa muitos, muitas e “*Ntu*” que corresponde a corpo, homem, indivíduo, pessoas ou tribo. Vieram para trabalhar nas lavouras de Cana de Açúcar, Café e Algodão.

Segundo Bezerra³.

Considerando que o recôncavo se estabeleceu na dinâmica atlântica através do abastecimento de farinha para a cidade carioca e os mercados de Angola, não é difícil constatar que a composição de seus escravos africanos era majoritariamente procedente dos portos da África Centro-Occidental. Na pesquisa sobre os inventários, é possível identificar por volta de 50% dos escravos distribuídos no conjunto de sete freguesias do recôncavo como procedentes daquela região. (BEZERRA, 20011, p. 36).

A segunda vertente chegada por volta de 1730, duzentos anos depois, já no século XVII, foi a dos *Jêjes* na época da descoberta do ouro e pedras preciosas em Minas Gerais. E a terceira foi a dos *Nagôs* ou *Yorubás*, por volta de 1830, quase trezentos anos depois, já próxima ao final do século XVIII, também, para trabalhar na mineração, já que eram considerados bons mineradores, lá na Terra Mãe. (PRANDI, 1991).

Aula 2. A contribuição do povo Banto. O Panteão das divindades primárias. Revisão da aula anterior e leitura do novo texto pelos alunos voluntários ou escolhidos pelo professor, com as devidas considerações a cada intervenção do mesmo. No final da aula a turma é dividida em quatro grupos, onde cada representante explicará para turma e professor o que o grupo conseguiu entender em relação a aula dada.

Obs. A metodologia acima, será também aplicada nas aulas 3 e 4.

Texto para leitura e interpretação - Os Bantos, no Brasil, sempre tiveram uma atuação importante na formação da nação brasileira, todavia, só há pouco tempo, alguns estudos nesse sentido vêm sendo

^{3 3} Nielson Rosa Bezerra é pós doutor em História da diáspora Africana pela University of the West Indies Barbados. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em História pela Universidade Severino Sombra. Licenciado em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em Duque de Caxias.

elaborados, referentes, principalmente, às contribuições lingüísticas ao português brasileiro, com destaque para as advindas do Quimbundo ou *Kimbundu*. Quanto a estudos relacionados a área da cultura popular, como das congadas, dos reisados, da capoeira rasteira de Angola, do Maracatu de Cabinda Velha, do Jongo, do Caxambu, e do próprio samba é notório que além das pesquisas já finalizadas, há vários estudiosos interessados em desenvolvê-las. (ÂNGELO, 2013).

Contudo, na área das religiões de matriz Banto no Brasil, existe uma enorme carência de estudos. Na mitologia Banta as divindades chamadas de *MPANGO BAKURU*, são aquelas que participaram da cosmo gênese, isto é, da construção de todo o universo, todavia, mesmo possuindo cultos e rituais específicos, não são iniciadas ou confirmadas nos seres humanos, não possuíram de modo algum vida terrena, são constituídas por energias totalmente puras da natureza com alta gama de vibrações, participantes diretas nos processos de criação, manutenção e outras que se comportam com real ativismo nas transformações e degradações que finalizam o ciclo vital dos seres e que possuem importantes intervenções nos reinos mineral, vegetal, animal e em especial no hominal. (ÂNGELO, 2013).

Divindades criadoras aquelas que participam da criação do nosso universo e que são responsáveis por tudo que existe e habita nele. **Divindades mantenedoras** aquelas que têm como função principal, distribuir e zelar pela continuidade de toda criação atribuída no planeta procurando mantê-la em perfeito equilíbrio e harmonia, para que possa encontrar o continuísmo de sua existência mantendo a presença do poder divino em constante presença. **Divindades transformadoras** aquelas que têm ligação objetiva e direta com os seres humanos, atuando nos ciclos do nascer, crescer, viver, expandir, proliferar, aprender, envelhecer com sabedoria e experiência, permitindo a busca pela lapidação dos defeitos e aprimoramento da evolução da obra considerada da criação. **Divindades degradadoras** aquelas que estão associadas ao ciclo do **FIM**, a morte que pode ser entendida como um dos propósitos da transformação, mas, suas principais funções estão em receber os corpos ou outros materiais orgânicos na terra, onde atuarão na deterioração das matérias, se alimentando dos líquidos da putrefação, consumindo a carne dos corpos até só restarem o esqueleto e os cabelos que não são absorvidos pela decomposição, de modo que após certo tempo possam ser devolvidos para a superfície.

Aula 3 – Divindades secundárias - recapitulação da aula anterior e texto abaixo para leitura e interpretação:

Conhecidas na língua *Kimbundu* como *Akisi* (plural de *Mukisi*), cultuados em várias regiões onde se acham a presença de povos Bantos: **Divindades relacionadas as encruzilhadas** - *Mavambo, Mavilutango*, entre outras. **Divindades relacionadas à guerra, as conquistas, a proteção das aldeias** - *Alunda, Biolá, Buré, Dagolonâ*, entre outras. **Divindades associadas à caça e a subsistência das comunidades** - *Burungunso, Gongobila, KaMbila, Kabila, Mutalambo*, entre outras. **Divindades associadas aos alimentos, em especial as sementes (cereais) que carrega nas *jinbimba* (cabaças) para aplacar a fome do mundo, mas também, relacionadas às ervas sagradas e curativas** - *Ambuké, Amokun, Apokan, Diabanganga, katende*, entre outras. **Divindade da Terra, dos tubérculos, da transformação, do início e o fim dos ciclos** - *Kaviungo, Kijenje, Kimbongo, Kincongo, Kissanje, Kitungo, Insumbo, lungu*, entre outras. **Divindades associadas aos ciclos das águas das chuvas e ao Arco Íris** - *Angoro, Angoroméa, Angoro Semavula, Anvulá, Gongoa*, entre outras. **Divindades relacionadas ao fogo** - *Luango, Nzage, Kibuko, Kiambo*, entre outras. **Divindades relacionadas com o clima, ventos, estações do ano, cheias e vazantes dos rios, lagos e mar, plantio e colheitas** *Abananganga, Kitembu, Maawila, Makurá*, entre outras. **Divindades relacionadas aos ventos das tempestades** - *Isa Sitamba, Jonjure, Kaango Munhenho, Matamba, Mavanju, Sinavanju, Sinavulu*, entre outras. **Divindades associadas as águas doces e plácidas, responsáveis pela flora e fauna dos rios** – *Kamba Lasinda, Kaeté, Keamaze, Kissimbe, Kitolomi, Takumbira, Vinsin*, entre outras. **Observação:** *Karamose* é a divindade dos rios que representam turbulência em razão dos seus leitos pedregosos. Possui ligações com as aves de rapina e serpentes. **Divindades associadas às águas do mar** - *Kaiá, Kalunga, Kassinga, Kianda*, entre outras. **Divindade associada às águas, a terra, e a lama, a fertilidade da agricultura** - *Ajassi, Gangazumba, Jejessu, Kambambe, Mam’etuZumbá, Zumberandá*, entre outras. **Divindades do sol, da luz, da inteligência**, - *Ajalupongo*. (ADOLFO. pp. 110-113).

Aula 4 - recapitulação da aula anterior e texto abaixo para leitura e interpretação:

O comportamento de alguns estudiosos, a começar por Nina Rodrigues (1862-1982), que sendo precursor do estudo das religiões afro descendentes na Bahia manteve-se alheio à realidade circundante. Embora cercado pelos diversos bairros com nomes de origem banta, como: Beiru; Cabula; Curuzu, ainda que alimentando-se com jiló; maxixe; quiabo, (artigos da cozinha banta), ou ouvindo palavras como: bagunça; cachaça; quitanda, vocábulos de origem banta, ignorou este mundo banto ao seu redor. (LOPES, 2012).

Argumenta Castro⁴, (2006, pp.201) “Chegou-se a um estereótipo de que os iorubas eram superiores. Zumbi dos Palmares era banto, mas, no filme de Cacá Diegues, os palmarinos falavam ioruba, quando ainda não havia nenhum deles no Brasil”.

Aula 5 - Musicalidade – Orquestra Banto – aula prática - Com relação a musicalidade; o professor, acessorado pelos músicos e dançarinos do Candomblé Banto Angola vestidos a caráter organizará uma aula externa de ritmos e danças e cantorias oriundas do negro bantu e que fazem parte nossa formação, como por exemplo, o ritmo cabula que lembra o nosso samba, bem como o ritmo congo cuja batida do funk é idêntica, e com toda a certeza irá atrair a atenção dos jovens fazendo com que interajam acompanhando o ritmo que já lhes é familiar, mesmo que seja fazendo o “passinho”.

Aula 6 - Culinária – aula prática - O professor apresenta uma receita para a confecção do *makanza (bantu)* conhecido no *Jêje/Nagô*, como *akarajé*, com o auxílio da merendeira, ou de uma pessoa que saiba executar a receita. Ou mesmo a preparação de uma canjica, tão nossa conhecida cuja origem é banto e a grafia em *Kimbundu* é *kanjika*.

Aula 7 - Revisão dos conteúdos ofertados nas aulas anteriores e tira dúvidas.

Aula 8 – Avaliação - Os alunos divididos em 4 grupos deverão discutir as relações explícitas e implícitas nos fatos apresentados, elaborando cada grupo um texto de no máximo 10 laudas sobre qual a vertente negra que junto com o índio e o europeu formou a nossa língua (o português brasileiro), e além da sua cultura e religiosidade, qual foi a sua contribuição para que o Brasil ficasse reconhecido no exterior, como nação.

Recursos humanos: alunos, professores e coordenadores, merendeiras, músicos e se possível, dançarinos do candomblé banto. Recursos materiais: Jogo de três atabaques, um agogô, berimbau, um pandeiro, um chocalho. Peças de vestuário, adornos de origem banta. Alimentos de largo emprego na cozinha afro-brasileira como: quiabo, canjica, jiló, maxixe, café, porém de origens provavelmente

⁴ **Yeda Pessoa de Castro** é etnolinguísta. Doutora em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire. Consultora Técnica em Línguas Africanas do [Museu da Língua Portuguesa](#) na [Estação da Luz](#) em São Paulo. Membro da [Academia de Letras da Bahia](#). Pertence ao GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Membro Permanente do Comitê Científico Brasileiro do Projeto "Rota do Escravo" da [UNESCO](#). Professora aposentada pela [Universidade Federal da Bahia](#) (UFBA) (UNEB).



desconhecidas para alguns alunos. Material didático: apostilas, revistas e jornais, mapas, livro didático. Instalações: sala de aula, sala de informática, cozinha, pátio.

CONCLUSÃO

A título de implementação da Lei. 10.639/2003/PR que obriga o ensino da história do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio fez-se necessário criar este trabalho para inclusão nas grades curriculares, com os conteúdos da outra interface da cultura afro-brasileira, através da sua religião, os bantos. Levantou-se dessa forma, a discussão sobre a questão que apresenta o candomblé nagô nas ementas dos cursos de pós-graduação, aperfeiçoamento e extensão e, capacitação de História e cultura Afro-brasileira, como a única religião de origem africana no Brasil. Ficou também comprovada a existência do candomblé banto com divindades e entidades que não são as mesmas dos candomblés de *Jêje* e de *Ketu*. Desse modo, foi possível descortinar a história de um povo que apesar de ter participado ativamente, na construção desse país, bem como da formação da sua língua, teve a sua história negada por quase quinhentos anos.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, Sérgio, Paulo. ***Nikissi Tata dia Nguzu, estudos sobre o candomblé Congo Angola***, Londrina: Eduel (Editora da Universidade Estadual de Londrina), 2010.

ANGELO, A. Curso ***“O Povo Bantu, Mitos e deuses africanos de Angola: as influências culturais e religiosas Brasil/Angola”*** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Sub reitoria de Extensão e Cultura (SR-3), departamento de Extensão, PROEPER,CCS, 2013.

BRASIL. Lei n.º10.639, de 9 de janeiro de 2003/PR. Altera a Lei nº 9394/96, de 20 de novembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” e dá outras providências.

BEZERRA, Nielson Rosa. ***A Cor da Baixada: Escravidão, liberdade e pós abolição no recôncavo da Guanabara***, Duque de Caxias, Ed. APPH-CLIO, 2011.

LOPES, Ney. *Novo Dicionário Bantu do Brasil*, 2ª. Ed, Pallas, RJ 2012.

LUCK, Heloísa. *Liderança em gestão escolar*. Petrópolis. Vozes.2008.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. São Paulo, EDUSP, 1991

REDINHA, José. *Etnossociologia do nordeste de Angola* ,Agência Geral do Ultramar, 1958.

RODRIGUES, Nina. *Os Africanos no Brasil*. 4ª. Ed. São Paulo: Cia Editora Nacional - 1976.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. *História Geral da África. Volume 1 – Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2011, pp. 139-1

ANEXO A - Carta resposta da Presidência da República.



PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Gabinete Pessoal da Presidenta da República

Brasília, 08 de setembro de 2011.

JEUSAMIR ALVES DA SILVA
Presidente
Confederação Nacional dos Candomblés de Angola e dos Costumes e Tradições
Bantu no Brasil - ANCACTBB
Rua Valdemar Vago, 90 - Corumbá
26042000 - NOVA IGUAÇU - RJ

Prezado Senhor,

Em resposta ao Ofício nº 002/2011/CNCACTBB/CRBNM de 23/08/2011, endereçado à Presidenta Dilma Rousseff, informamos que o assunto foi encaminhado ao Ministério da Educação pelo Ofício COR/GP/PR: 1272/2011 de 08/09/2011 para análise e eventuais providências.

Cordialmente,



CLAUDIO SOARES ROCHA
Diretor
Diretoria de Documentação Histórica



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade
Esplanada dos Ministérios, Bloco L, Anexo 1 - Sala 401 - 70.047-900 - Brasília, Distrito Federal, Brasil
Fones: (61)2022 9035 e 2022 9042 - Fax: (61) 2022 9041

Ofício nº 2962/2011/DPECAD/SECADI/MEC

Brasília, 31 de outubro de 2011

A Sua Senhoria o Senhor
Jeusamir Alves da Silva
Presidente da ANCACTBB
Rua Vademar Vago, nº. 90
26.042-000 – Nova Iguaçu/RJ

Assunto: Luta pela inclusão da História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03.

Senhor Presidente,

Ao cumprimentá-lo cordialmente, referimos ao Ofício nº. 002/2011/CNCACTBB/CRBNDM, de 23 de agosto de 2011, quanto a inclusão da **História do Povo Bantu, na História do negro na África e no Brasil no ensino fundamental e médio com base na Lei 10.639/03**, consideramos relevante a solicitação proposta e a temática será apresentada aos Fóruns de Diversidade Étnico-Racial para avaliação e orientação aos sistemas de ensino.

Atenciosamente,


Viviane Fernandes Faria
Diretora